

Páscoa: a vida venceu a morte

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

O kerygma (primeiro anúncio) cristão do Novo Testamento parte de um encontro com o Ressuscitado, que é experimentado por aqueles e aquelas que se constituem nas primeiras testemunhas do evento como experiência de graça.

Os relatos da ressurreição têm alguns traços em comum:

- a iniciativa é sempre do Ressuscitado e nunca das testemunhas;
 - o processo de reconhecimento se dá por parte dos discípulos a partir de uma palavra proferida ou de um gesto realizado pelo mesmo Ressuscitado (partir o pão, pronunciar o nome, dar de comer e fazer com que a pesca fracassada se transforme em superabundância de peixes e alimento);
 - a aparição termina sempre em direção à missão que os faz testemunhas.

A ressurreição é, portanto, uma experiência da dupla identidade na contradição:

1) *O Ressuscitado é o Crucificado.* Aquele que eles viram derrotado e morto é o mesmo que vêem agora, glorioso e triunfante

2) *Os fracos e medrosos discípulos são as intrépidas e corajosas testemunhas da Páscoa* que irão por todo o mundo anunciar o que viram e ouviram.

Por que a existência dos discípulos muda tanto com a experiência do encontro com o Ressuscitado? Porque a Páscoa é a intervenção, *em* Jesus de Nazaré, *do* Deus de Abraão, Isaac e Jacó com poder, *segundo* o Espírito de santidade. Aquele Deus que libertou o povo de Israel do Egito e o conduziu pelo deserto, firmando uma aliança com ele, é o Deus que Jesus Cristo chama de Pai e que agora, depois da morte de Jesus Cristo, se revela e se manifesta plenamente, mostrando que seu Espírito é o único capaz de dar a vida ali onde a morte parecia ter ganho a disputa. A Páscoa é história de toda a humanidade que desde sempre luta para buscar luz sobre seu destino contraditório (ser feito para a vida e ter que morrer; não pedir para nascer e não desejar morrer; sofrer por estar vivo e ter pavor do vazio e do desconhecido da morte). Deus mesmo, entrando na história humana, mostra qual é o sentido último desta história e faz então com que a Páscoa, além de história humana, seja história trinitária de Deus.

O evento da ressurreição é todo ele marcado pelos escritos do Novo Testamento com traços trinitários.

1. *Cristo foi ressuscitado pelo Pai.* A iniciativa, portanto, é de Deus Pai São muitos os textos que a isso se referem: *At 2,24; 3,15; 4,10; 5,30; 1 Tes 1,10; 1 Cor 6,14; 15,15; 2 Cor 4,14; Gal 1,1; Rom 4,24; 10,9; 1 Ped 1,21.*

O Pai toma posição sobre o Crucificado, declarando-o Senhor e Cristo (*At 2,36*). Ou seja, reconhecendo e levando os seres humanos a reconhecer no passado do Nazareno a história do Filho de Deus; no presente, a história do Vivente que vence a morte; no futuro a história do Senhor que voltará na glória.

Na ressurreição, Deus se revela e se oferece como o Pai do Filho encarnado, morto, ressuscitado e que virá. Se oferece como o Pai de misericórdia que diz SIM ao Filho Crucificado e, nele, diz o “sim” definitivamente libertador a todos os escravos do pecado e da morte.

A ressurreição é o "sim" definitivo que o Deus de Abraão, Isaac e Jacó diz a seu povo, firmando para sempre uma Aliança que jamais será revogada. É o "sim" perene e

definitivo que o Deus da Vida diz sobre seu Filho, a seu Filho; e, nele, sobre nós e a nós, prisioneiros da morte. Ela é, por isso, o centro da fé e sem ela, nossa fé seria vã (*1 Cor 15,14*).

2. *A ressurreição é história do Filho.* O kerygma primitivo diz que Cristo ressuscitou. Também sobre isso os textos são inúmeros: *Mc 16,6; Mt 27, 64; 28, 67; Lc 24,6.34; 1 Tes 4,14; 1 Cor 15,3-5; Rom 8,34; Jo 21,24.*

O quarto evangelho coloca na boca de Jesus as seguintes palavras: “*Destruí este templo e em três dias eu o reconstruirei...Mas ele falava do templo do seu corpo*” (*Jo 2,19.21*). O fato de que a comunidade cristã registre estas palavras, colocando-as na boca do Jesus pré-pascal, mostra que a revelação vivida pela comunidade implica a fé no fato de que o Filho também participa ativamente no evento de sua Ressurreição, do qual o Pai tem a soberana iniciativa.

O papel ativo do Filho no evento pascal, portanto, segundo o Novo Testamento, não contradiz a iniciativa do Pai. Pelo contrário, pertence à eterna obediência do Filho ao Pai a vida em si mesmo, que lhe é constantemente dada pelo Pai. Portanto, a proclamação “*Jesus ressuscitou. Jesus vive e é o Senhor*” é sempre “*para a glória de Deus Pai*” (*Fil 2,11*). A ressurreição de Cristo, por outro lado, não é somente uma recepção passiva, mas é também uma tomada ativa de posição sobre sua história e a história dos homens e mulheres de todos os tempos e povos.

Jesus, o *abandonado* (entregue pela infidelidade do amor - *cf. Mc 14,10*), o *blasfemador* (entregue pelo ódio dos representantes da Lei - *cf. Mc 15,1*), o *subversivo* (entregue pela autoridade do representante de César - *cf. Mc 15,11*), é o *Senhor da vida* (*Rom 5,12 - 7,25*).

Assim, nele, o homem se encontra liberto do pecado, da morte, da Lei.

O Ressuscitado confirmou sua pretensão do passado (“*Ninguém tira minha vida, eu a dou*”: *Jo 10,18*; “*Destruí este templo e em três dias eu o reconstruirei*”: *Jo 2,19.21*); confundiu os sábios deste mundo e a inteligência dos inteligentes (*1 Cor 1,23s*). No presente, Ressuscitado e glorioso, ele se oferece como o Senhor Exaltado, como Aquele que vive e dá vida (*At 1,3; Jo 20,21*). No futuro, é inseparavelmente o Primogênito dentre os mortos e o Senhor da glória, primícias da humanidade nova (*1 Cor 15,20-28*). Nele a humanidade pode ver sua vocação e seu destino plenamente realizados.

A Páscoa é, portanto, história do Filho e nossa história.

3. *A ressurreição é história do Espírito.* É na Sua força que o Cristo foi ressuscitado (*1 Ped 3, 18; Rom 1,4*).

O Espírito é aquele o que o Pai dá ao Filho para que o Humilhado seja Exaltado e o Crucificado viva como Ressuscitado. E igualmente para que, nele, todos os humilhados e crucificados da história encontrem redenção e liberdade. É também, não menos, o que o Senhor Jesus dá segundo a promessa (*Jo 14,16; 15,26; 16,7; At 2,32s*)

O Espírito no evento pascal é o duplo vínculo:

- *de Deus com o Cristo*, ressuscitando-o dos mortos;
- *do Ressuscitado com a humanidade*, tornando-a viva de vida nova, que não morre.

O Espírito Santo é também a garantia da dupla identidade na contradição:

- *do Crucificado com o Vivente*. Aquele que todos viram morto agora está vivo, e a morte não tem mais poder sobre ele,

- *dos prisioneiros do medo com as testemunhas corajosas*. Só o Espírito de Deus poderia tirar daqueles homens o medo que os paralisava e fazê-los enfrentar a morte, as perseguições, o martírio.

A história trinitária de Deus revelada na Páscoa *é* a história de salvação, história nossa. O Deus de Jesus Cristo nos revela, de maneira plena e completa, na sua Ressurreição da Cruz, onde foi morto pelo pecado do mundo, qual é o nosso destino e para o quê Deus nos criou: para o amor e a vida plena, que não se encontram ameaçados nem atingidos pela desgraça e pela morte. Na ressurreição de Jesus, Deus-Trindade diz a palavra definitiva sobre o sofrimento e a morte das vítimas de todos os tempos e povos. “Como Jesus é vítima inocente – é o Crucificado – sua ressurreição exprime não só o poder de Deus sobre a morte, mas, diretamente, o poder de Deus sobre a injustiça que produz vítimas. A ressurreição, portanto, refere-se a Jesus, mas diretamente revela e manifesta a realidade de Deus como o Deus da vida que manifesta em Jesus a maravilhosa realidade de que a vida vence a morte.